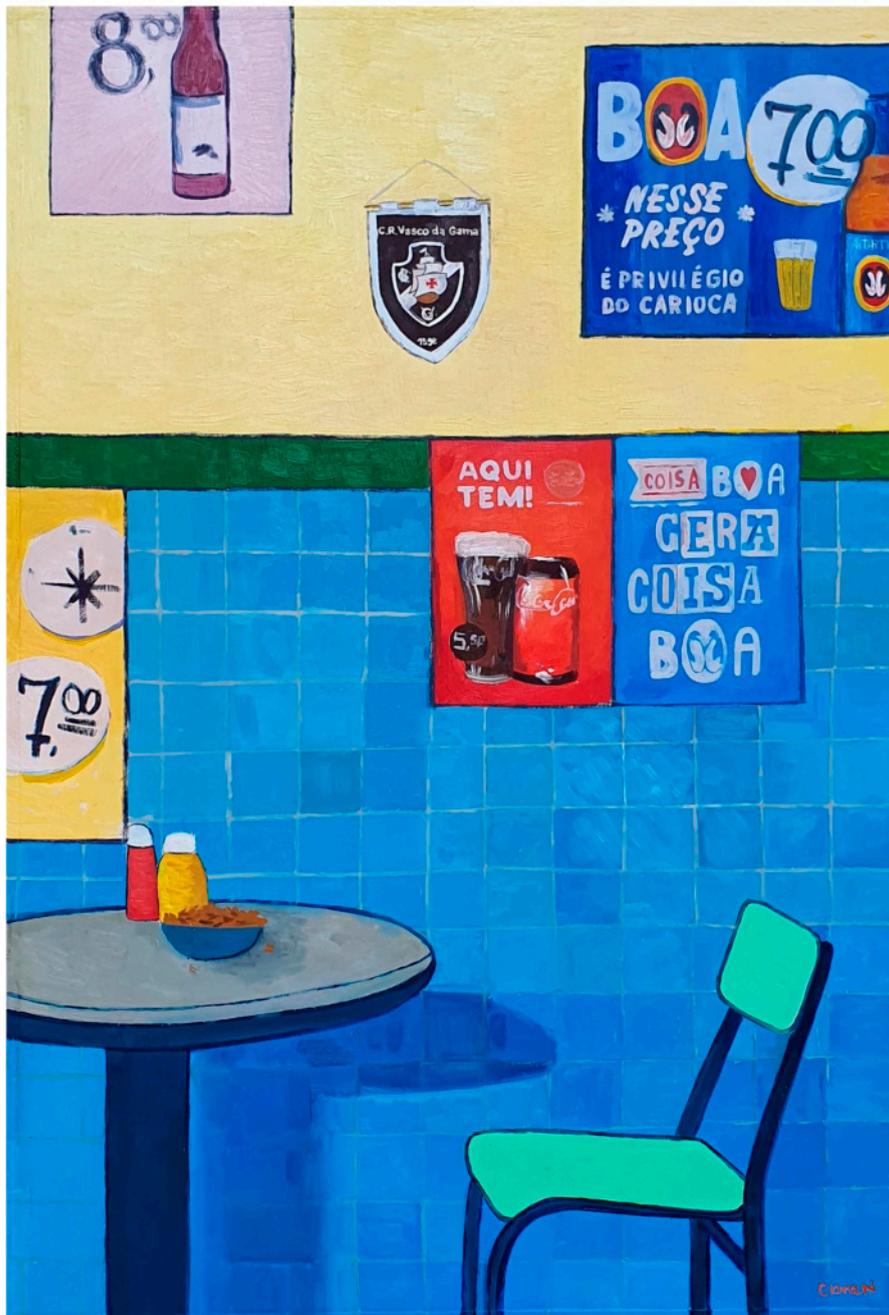


Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Letras e Artes
Escola de Belas Artes / Curso de Graduação de Pintura

Memórias do Subúrbio Carioca



Maria Clara Nascimento Rocha DRE: 119040929
Orientação: profa. Dra. Martha Werneck de Vasconcellos

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Letras e Artes
Escola de Belas Artes / Curso de Graduação de Pintura

Memórias do Subúrbio Carioca

Maria Clara Nascimento Rocha DRE: 119040929

Orientação: profa. Dra. Martha Werneck de Vasconcellos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Setor de Pintura, Dep. de Artes Base da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Curso de Graduação em Pintura, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Pintura.

Rio de Janeiro

2023

CIP - Catalogação na Publicação

N244m Nascimento Rocha, Maria Clara
Memórias do subúrbio carioca / Maria Clara
Nascimento Rocha. -- Rio de Janeiro, 2023.
56 f.

Orientadora: Martha Werneck de Vasconcellos.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Pintura, 2023.

1. pintura. 2. subúrbio. 3. Rio de Janeiro. 4.
nostalgia. 5. memórias afetivas. I. Werneck de
Vasconcellos, Martha, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA / DEP. BAB

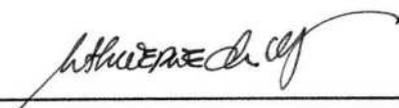
MEMÓRIAS DO SUBÚRBIO CARIOCA

Nome: Maria Clara Nascimento Rocha
DRE: 119040929

O estudante supracitado está ciente de que o Trabalho de Conclusão de Curso será publicado na Base Minerva/Sistema *Phanteon* da UFRJ e poderá ser integralmente publicado no site do Curso de Pintura da EBA – UFRJ. Compromete-se com a possível reformulação de seu material de apresentação conforme orientações da banca no prazo de 30 dias, visando sua posterior publicação *online*. O cumprimento desses requisitos é necessário para o lançamento da nota do estudante.

Aprovado com grau 10.0 em: 01 / 09 / 2023

Local: Rio de Janeiro



Profa. Dra. Martha Werneck de Vasconcellos BAB - EBA/UFRJ (orientadora)



Prof. Dr. Ricardo Pereira BAB - EBA/UFRJ



Prof. Dr. Julio Sekiguchi BAB - EBA/UFRJ

Agradeço imensamente a toda minha família e amigos por me ajudarem de todas as formas possíveis, a minha vida inteira, mas principalmente agora.

Agradeço também à orientadora Martha, pelo carinho, apoio e paciência durante esse processo e a todos os professores da EBA que fizeram parte da minha trajetória.
Muito obrigada.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo resgatar as memórias afetivas de infância da artista Clara Nascimento através da linguagem da pintura. A autora desta pesquisa tem enfoque nos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro, lugar que habita, frequentemente negligenciado. A pesquisa busca iluminar os pequenos prazeres do cotidiano suburbano dos anos 2000 enquanto faz um resgate histórico e cultural da região, preservando as memórias dessa população. O trabalho conta com sete pinturas a óleo objetivando despertar os sentimentos de nostalgia, afeto, encantamento e pertencimento nos observadores.

Palavras-chave: Pintura; subúrbio; Rio de Janeiro; nostalgia; memórias afetivas.

ABSTRACT

This work aims to rescue the childhood affective memories of the artist Clara Nascimento, who is the author of this research, focusing on the suburbs of the city of Rio de Janeiro, the place where she resides and which is often overlooked. The research seeks to shed light on the small pleasures of suburban daily life in the 2000s, while also providing a historical and cultural overview of the region, preserving the memories of its inhabitants. The project comprises seven oil paintings with the purpose of evoking feelings of nostalgia, affection, enchantment, and a sense of belonging in the observers.

Key-words: Oil painting; suburbs, Rio de Janeiro; nostalgia; affective memories.

Índice

1. O início	8
1.1. Poética	8
1.2. Subúrbio carioca: Uma breve história	9
1.3 As entrevistas	10
1.4 Nostalgia e Afeto	12
1.5 Cotidiano e Natureza Morta	17
1.6 Inspirações	20
2. O meio	27
2.1 As composições	27
2.2. Estudos cromáticos	29
2.3 Escolha dos materiais	31
2.4 Processo pictórico	33
2.4.1 Preparação do suporte	33
2.4.2 A pintura	33
3. Exposição individual	46
3.1 Depoimentos	49
Considerações finais	52
Bibliografia	53

Lista de Imagens

Figura 1 - Relato virtual por Alice Silva	14
Figura 2 - Semi-detached, Michael Landy, 2004	15
Figura 3 - Favorite Objects, Christian Boltanski, 1998	16
Figura 4 - detalhe de uma cena de oferendas da câmara funerária de Menna (c. 1422-1411 aC)	18
Figura 5 - Pieter Claesz, “Vanitas – Still Life,” 1625. (Renascimento)	19
Figura 6 - Tom Wesselmann, Still Life #34, 1963.	20
Figura 7 - Van Gogh, Retrato de Joseph Roulin, 1889	21
Figura 8 - Van gogh, The Bedroom, 1889	22
Figura 9 - Ana Elisa Egreja, Copa (natureza morta), 2017	23
Figura 10 - Ana Elisa Egreja, Saboneteira Rosa, 2020	24
Figura 11 - Leite de Rosas, autoral, 2021	25
Figura 12 - Pão na mesa, Rodrigo Yudi Honda, 2017	26
Figura 13 - Bar da Esquina, Rodrigo Yudi Honda, 2022	27
Figura 14 - Estudos de composição autorais	28
Figura 15 - Estudos cromáticos autorais 1	29
Figura 16 - Estudos cromáticos autorais 2	30

Figura 17 - Materiais da artista	32
Figura 18 - Paleta da artista	34
Figura 19 - Processo 01 (Bar com Caixotes)	35
Figura 20 - Processo 02 (Bar com Caixotes)	35
Figura 21 - Processo 03 (Bar com Caixotes)	35
Figura 22 - Bar com Caixotes, 2023, óleo sobre madeira, 58x100	36
Figura 23 - Processo 1 (Filtro de Barro)	37
Figura 24 - Processo 2 (Filtro de Barro)	37
Figura 25 - Detalhe 1 (Filtro de Barro)	37
Figura 26 - Detalhe 2 (Filtro de Barro)	37
Figura 27 - Filtro de Barro, 2023, óleo sobre madeira, 100x75	38
Figura 28 - Processo (Bar com Pôster)	39
Figura 29 - Detalhe (Bar com Pôster)	39
Figura 30 - Bar com Pôster, 2023, óleo sobre madeira, 66x100	40
Figura 31 - Café da Manhã, 2022/2023, óleo sobre tela, 90x90	41
Figura 32 - Processo Café da Manhã	43
Figura 33 - Café da Tarde, 2023, óleo sobre madeira, 75x100	44
Figura 34 - Baleiro, 2023, óleo sobre madeira, 85x100	45
Figura 35 - Janela, 2023, óleo sobre madeira, 100x85	46
Figura 36 - Cartaz da Exposição	47
Figura 37 - Vernissage	48
Figura 38 - Registro da vernissage com amigos da Escola de Belas Artes	50

Introdução

O desenvolvimento da presente pesquisa tem por base minhas memórias de infância no subúrbio carioca. Tendo crescido durante os anos 2000 no Rio de Janeiro, vivi em um ambiente cercado pelo colorido dos doces, dos azulejos decorados, dos pisos de caquinhos e de um caloroso convívio social. Desde o início do meu Curso de Pintura tenho grande interesse em retratar cenas do cotidiano, buscando exaltar a beleza dos momentos simples que muitas vezes passam despercebidos. Além disso, sou atraída pela natureza morta e sua capacidade de contar histórias através de objetos dispostos em uma mesa, por exemplo. Outro tema que sempre me traz curiosidade é a nostalgia, e, após a leitura do livro '**O corpo encantado das ruas**', de Luiz Antonio Simas, senti a necessidade de

combinar esses interesses em apenas um tema: minhas memórias de infância no subúrbio carioca. Intento, através do meu trabalho, recuperar essa beleza perdida, retratando instantes que preservo em minhas memórias com cores vivas e dando enfoque ao lugar onde cresci. Dessa forma, pintando ambientes, cenas e objetos clássicos da vida comum, posso afirmar que o principal objetivo dessa pesquisa é transmitir a sensação de nostalgia, encanto e afeto através de imagens do cotidiano do subúrbio carioca.

Desenvolvimento

1. O início

1.1. Poética

No início do Curso de Pintura, em 2019, deparei-me com o conceito de poética. Inicialmente enfrentei dificuldades para compreender sua essência, mas foi justamente o entendimento desse conceito que impulsionou minha pesquisa. Em um artigo acadêmico para a revista *Apotheke*, os professores Werneck e Bossolan explicam:

Se compreendemos a pesquisa poética como proveniente do diálogo entre consciente, intuição, memória e inconsciente, desenvolver uma poética particular significa transitar em um mapa mental, de conceitos e visualidades em constante mutação, onde há a convergência e intercomunicação de duas áreas centrais para a construção da visualidade artística: a estética - aspecto formal, conectada à natureza da imagem - e o conteúdo semântico - que abrange o significado da imagem, seu simbolismo, tema etc.

A visualidade formativa da imagem (formas, cor, composição, relação altura/largura da imagem, textura visual, a própria identificação da natureza da imagem, entre outros atributos) e o significado nela contidos são indissociáveis e materializam pouco a pouco a pesquisa poética. (WERNECK e SILVA, 2020, p.21)

O processo de descoberta da minha poética pessoal levou cerca de quatro anos. Durante o curso universitário, fui instigada a pesquisar artistas que pudessem servir como fontes de inspiração para o que eu pretendia criar. Foi então que

cheguei a alguns pintores: Vincent Van Gogh, pela paleta e fatura; Rodrigo Yudi Honda, pela temática de suas obras; Ana Elisa Egreja, pela atmosfera intimista presente em suas criações, entre outros. Foi a partir da observação desses artistas que comecei a entender o que eu queria pintar.

Meu interesse pelo cotidiano começou desde muito cedo, pois sempre vi beleza nos momentos rotineiros e até hoje gosto de aproveitar pequenos prazeres como, por exemplo, um café ao fim da tarde. Sempre vi esses instantes como sendo calmos e silenciosos, e por isso sabia que as obras dessa série não incluíam representação de pessoas, mas sim de ambientes e objetos.

1.2. Subúrbio carioca: Uma breve história

Subúrbios cariocas referem-se a uma vasta, populosa e heterogênea região da Metrópole do Rio de Janeiro (MATTOSO, 2018, p.01). Os limites geográficos desses subúrbios são subjetivos, mas, para uma grande parcela da população incluem bairros da Zona Norte e parte da Zona Oeste. De acordo com o historiador Rafael Mattoso (2018) os subúrbios cariocas abrigam cerca de 70% da população municipal e se caracterizam pela desqualificação de seus espaços públicos e pela riqueza de uma cultura urbana negligenciada que se manifesta de diversas maneiras.

Pesquisadores das reformas urbanas, como Benchimol (1992) e Maurício de A. Abreu (1987), apontam para dois momentos históricos que deram origem aos subúrbios cariocas. O primeiro momento refere-se à expansão ferroviária ocorrida no final do século XIX e o segundo está relacionado ao deslocamento populacional provocado pelo processo de demolição de moradias, conhecido como "bota-abaixo", que ocorreu a partir de 1903. Esses processos evidenciam um projeto político que acarreta segregação socioespacial. Assim o subúrbio foi associado pela elite a uma espécie de "dormitório proletário"¹ distante e seguro.

Os subúrbios cariocas têm uma rica cultura popular, expressa em suas festas, como o Carnaval de rua, e na música, como o samba e o funk cariocas. Além disso, são conhecidos pela sua culinária com destaque para os doces tradicionais e para as comidas de rua, como os pastéis e os churros. Entretanto,

¹ Termo utilizado por Rafael Mattoso no texto **Um novo olhar sobre os entornos da cidade**, 2009, p.24.

esses aspectos culturais são frequentemente negligenciados pelas políticas públicas e pelos grandes meios de comunicação, que muitas vezes associam os subúrbios cariocas apenas à violência e à pobreza.

Encontramos nesta parte da cidade características comuns a uma ocupação urbana composta, majoritariamente, por uma população economicamente ativa, de caráter basicamente residencial, com forte tendência comercial, além de possuir uma significativa gama de atividades industriais. No entanto, devemos esclarecer que a complexidade dos subúrbios nos obrigam a adoção de uma separação interna entre as características históricas e geográficas de cada subúrbio propriamente analisado. Também apontamos que em meio a toda pluralidade existem algumas similitudes relevantes, tais como o fato de um grande número de residências suburbanas ostentar em suas fachadas a data de edificação, diferentes temas e formas entalhadas em seus frontões, mosaicos de azulejos, motivos religiosos, escritos em latim, algarismos romanos, pinturas e esculturas de diversos estilos que acabam por conceder uma maior identificação entre aos seus proprietários. Estas marcas também possibilitam uma maior identidade entre os mesmos moradores que passaram a se associar através de elementos comuns, tais como: nacionalidade, religiosidade ou até mesmo por grupos familiares. Todas essas características evidenciam uma integração dos espaços de moradia com as ruas, clubes, igrejas, botequins, campos de futebol e qualquer outro lugar que fosse socialmente importante para o convívio harmonioso entre seus moradores. (MATTOSO, 2018, p.7)

Por isso, a proposta dessa pesquisa em pintura é resgatar a beleza e a singularidade desses espaços, valorizando a cultura popular e as minhas memórias afetivas.

1.3 As entrevistas

Eu vivi no subúrbio carioca, no bairro da Praça Seca, apenas até os meus seis anos de idade. Apesar da curta estadia, essa experiência teve um impacto significativo em minha vida e memórias afetivas. Atualmente mantenho uma conexão com esses bairros, visto que visito frequentemente minhas avós, residentes na Praça Seca e na Vila da Penha. Tais vivências possibilitaram minha percepção das transformações ocorridas nesses espaços desde minha época de moradia até os dias atuais.

Visando ampliar a abrangência da pesquisa e permitir que outras pessoas também possam se identificar, conduzi sete entrevistas com indivíduos de distintas gerações que possuíam experiência de vida no subúrbio carioca, tanto passada

como presente. Essa abordagem proporcionou uma perspectiva mais enriquecedora ao estudo, contemplando diversas vivências e permitindo uma compreensão mais ampla das características e transformações do subúrbio carioca ao longo do tempo.

De maneira geral, ao serem questionados sobre suas experiências de infância no subúrbio carioca, os entrevistados compartilharam relatos de uma vida tranquila, socialmente envolvente (com algumas exceções) e simples. Muitos expressaram com afeto a prática de brincar nas ruas até tarde da noite com as crianças da vizinhança, bem como o cuidado constante que recebiam de vizinhas que se sentavam nas calçadas para observá-los. Essas narrativas evidenciam um ambiente comunitário caloroso e uma sensação de segurança e proximidade entre os moradores.

No entanto, quando questionados sobre a realidade atual do subúrbio, os entrevistados relataram um ambiente mais frio e perigoso. Observaram uma diminuição da presença de pessoas nas ruas em virtude do aumento da violência nos bairros. Durante a entrevista, Simone, de 55 anos, afirmou: “Principalmente a questão da segurança, acho que hoje em dia tem muita insegurança. Por exemplo, as crianças poderem brincar na rua como a gente brincava, eu acredito que hoje não seja possível. [...] As pessoas não ficam mais nas calçadas conversando, fazendo aquela fofquinha da vida do outro. A rua fica mais deserta.” Esses relatos destacam uma preocupação generalizada em relação à segurança e ao senso de comunidade, apontando para uma transformação no tecido social do subúrbio carioca ao longo dos anos.

As entrevistas também contribuíram para a compreensão das percepções das pessoas em relação ao subúrbio. Ao questionar sobre as cores associadas ao subúrbio carioca, as respostas recebidas foram: cinza, amarelo e terracota. Além disso, ao indagar sobre os objetos relacionados ao subúrbio, obtive as seguintes respostas: filtro de barro, copo americano de bar (que de americano não tem nada), piso de caquinho, sacolé e a roupa do bate bola.

Essas respostas revelam elementos simbólicos e representativos do cotidiano e da identidade do subúrbio carioca, como elementos arquitetônicos, utensílios domésticos e até mesmo itens relacionados à cultura popular local. Essas percepções contribuem para uma compreensão mais rica e abrangente das

características e elementos distintivos do subúrbio carioca na perspectiva dos entrevistados.

Entretanto, essas entrevistas me fizeram perceber que, devido à minha personalidade introspectiva, tive uma vivência diferente de muitos outros suburbanos. Enquanto muitos relataram a vida animada e social nas ruas, o carnaval e as brincadeiras, minhas memórias são voltadas para cenas calmas, apesar de sempre coloridas. Por esse motivo, decidi focar em composições ausentes de pessoas.

1.4 Nostalgia e Afeto

Segundo Pesavento (2007), pertencer a uma cidade implicou formas, sempre renovadas ao longo do tempo, de representar essa cidade, fosse pela palavra escrita ou falada, fosse pela música em melodias e canções que a celebravam, fosse pelas imagens desenhadas, pintadas ou projetadas, que a representavam no todo ou em parte, fosse ainda pelas práticas cotidianas, pelos rituais e pelos códigos de civilidade presentes naqueles que a habitavam.

A motivação por retratar o subúrbio carioca nas minhas pinturas surgiu da intenção de resgatar minhas memórias afetivas, uma vez que já não vivo mais nesse ambiente. No entanto, ao longo da minha pesquisa percebi que esse tema é mais complexo do que apenas a nostalgia pessoal, pois o subúrbio contemporâneo difere significativamente do que era há duas décadas. Para Andreas Huyssen “nostalgia tem a ver com a irreversibilidade do tempo: algo do passado deixa de ser acessível. [...] No desejo nostálgico, a temporalidade e a espacialidade estão necessariamente ligadas” (2014, p. 91 *apud* DAMIN e REIS, 2021, p.130). Através das entrevistas realizadas para essa pesquisa, observa-se que existem notáveis diferenças entre o subúrbio carioca de 20 anos atrás em comparação com o subúrbio atual. Entre tais transformações destaca-se o aumento da violência, que resultou em ruas mais vazias e menos movimentadas. Além disso, o constante ciclo da moda influencia a arquitetura e a decoração das casas, levando a mudanças significativas nesses aspectos. Acredito que essas mudanças sejam responsáveis por causar o sentimento de nostalgia ao se observar imagens do subúrbio antigo.

Ao pintar sobre o subúrbio, meu objetivo é despertar essa sensação mágica provocada pela lembrança de um lugar de afeto.

Pintar o subúrbio através de uma lente nostálgica e afetiva é importante para a minha pesquisa pois permite que o público se conecte emocionalmente com minhas obras, evocando lembranças e sentimentos. Além disso, o subúrbio carioca possui uma rica história e cultura. Ao pintar e retratar essas memórias anseio contribuir ao menos um pouco para a preservação e valorização desse patrimônio histórico e cultural. Espero, também, contribuir para o fortalecimento do sentimento de pertencimento ao subúrbio carioca, uma vez que, segundo Rogério Haesbaert (1999, *apud* DAMIN e REIS, 2021, p.122) essa identidade está relacionada diretamente ao espaço no qual o indivíduo está inserido. Haesbaert se refere a esta como uma “identidade territorial”.

Svetlana Boym (2001) afirma que a cultura popular do século XX e a sua globalização possibilitou, através dos avanços tecnológicos, um acesso mais facilitado ao passado, o que teve um importante papel na proliferação da nostalgia. Segundo a autora, essa esta emoção surge como um mecanismo de defesa numa época de ritmos de vida acelerados e de agitação histórica. Por esse motivo, o tema da nostalgia está sendo cada vez mais utilizado por artistas contemporâneos, como, por exemplo, o britânico Michael Landy, que realizou a instalação “Semi-detached” (fig.2), em 2004, na qual constrói no interior das galerias Duveen no Tate Britain, uma réplica à escala real da casa onde cresceu. Outro exemplo é a obra “Favorite Objects” (fig.3) de Christian Boltanski, em 1998, em parceria com os estudantes do Lycée Français de Chicago, na qual o artista convida os alunos da escola a trazerem de casa o seu objeto favorito para ser fotografado. Desde bonecas a carrinhos de controle-remoto, os objetos foram fotografados no estilo de anuário, transformando-se em uma espécie de “auto-retrato” dos alunos.

Por pintar no atelier Cândido Portinari, da Escola de Belas Artes da UFRJ, tive a oportunidade de ouvir relatos de outros jovens artistas, que compartilham do mesmo ambiente, sobre o que sentem ao ver minha obra. Muitos relataram que as pinturas em questão trazem a sensação de afeto e nostalgia, pois os fazem lembrar da casa dos avós ou da casa onde cresceram. Essas observações confirmaram que o meu objetivo estava sendo alcançado.

Figura 1 - Relato virtual por Alice Silva

May 30, 16:48

Replied to your story



Essa tela me deu uma nostalgia tão grandeeee, lembrei da época que eu morava em cima de um bar e eu sempre descia prA comprar algo e dava pra ir por dentro da casa mesmo e eu via todas esses caixotessss



Fonte: Instagram pessoal

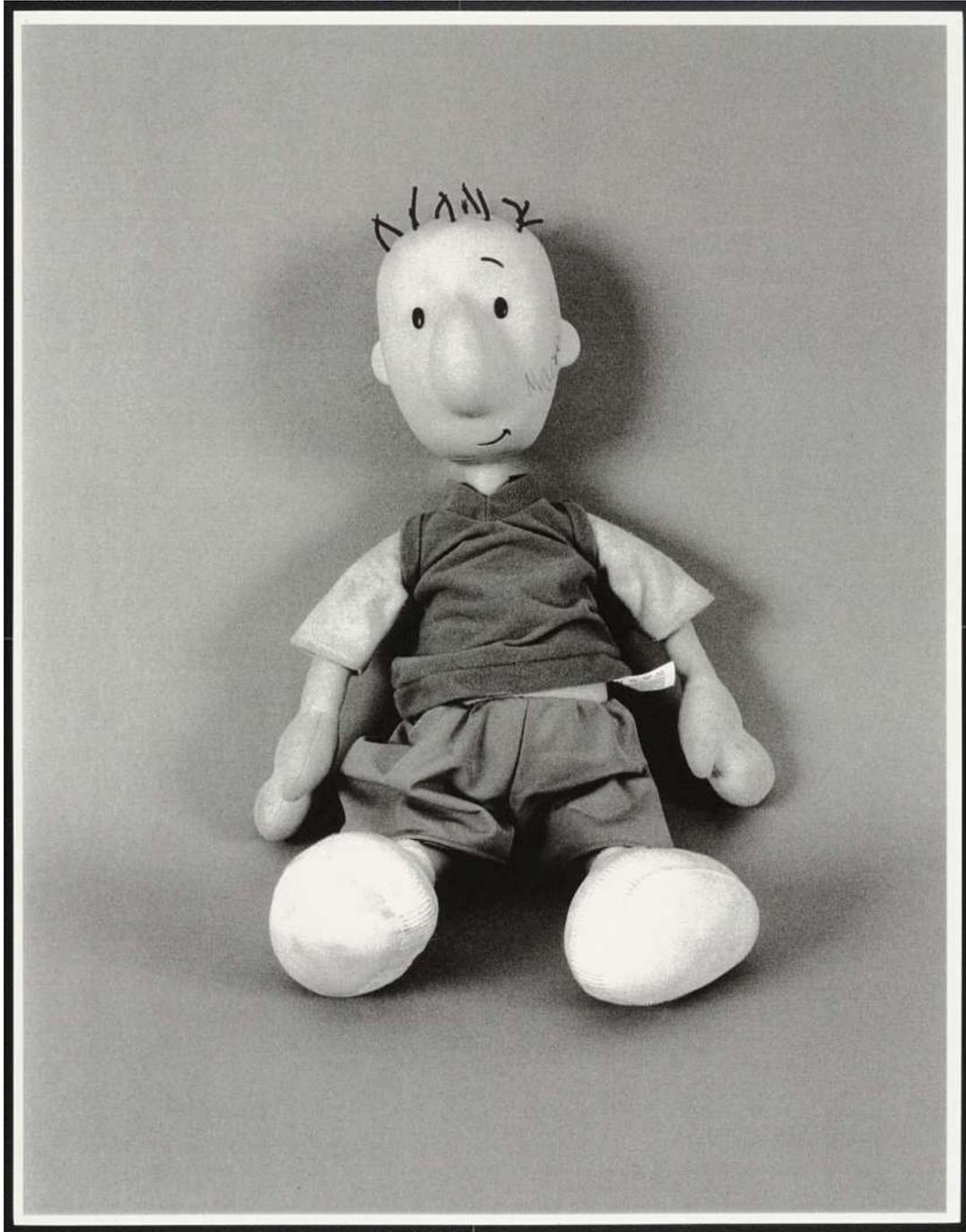
Figura 2 - Semi-detached, Michael Landy, 2004



Fonte:

<https://www.tate.org.uk/whats-on/tate-britain/semi-detached-michael-landy>

Figura 3 - Favorite Objects, Christian Boltanski, 1998



Fonte:

<https://www.moma.org/collection/works/133986>

1.5 Cotidiano e Natureza Morta

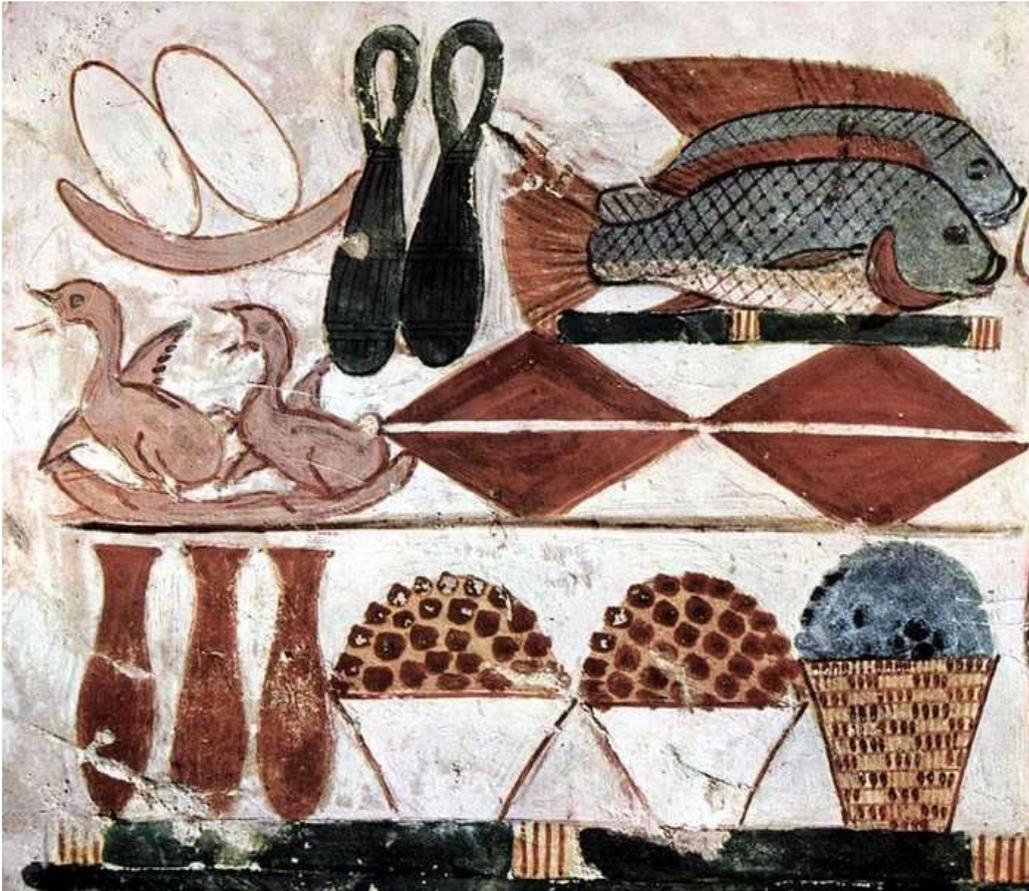
A representação do cotidiano na história da arte é um tema que tem sido explorado por artistas de diferentes épocas e culturas. As primeiras obras de arte que retratavam cenas da vida cotidiana foram encontradas nas cavernas da pré-história, e mostravam cenas de caça, pesca e outras atividades. Com o avanço das civilizações a forma de se representar o cotidiano também mudou, sendo quase negligenciada durante um período e novamente celebrada em momentos como no século XIX, com o realismo de Courbet (1819-77) e Millet (1814-75).

Entretanto, um gênero de pintura que nos permite observar o zelo pelo cotidiano é o gênero da Natureza Morta. De acordo com o autor Vagner Neves em seu artigo para a revista *online ArteRef*, o termo foi oficialmente usado para nomear um gênero por volta do final dos anos 1500 até os anos 1600 (séculos XVI e XVII) na Holanda, mas os relatos de obras de natureza morta já existem desde o século XV A.C, período em que os egípcios retratavam os elementos característicos do gênero em tumbas.

Apesar de ter sido considerado menos importante para os acadêmicos, que preferiam pinturas históricas, mitológicas e retratos, a natureza morta é, por mim, muito admirada pela possibilidade de contar uma história e evocar sentimentos apenas a partir de objetos expostos em uma mesa. Por isso, busco utilizar esse gênero em minhas obras como ferramenta de representação do cotidiano.

Acho fascinante notar as diferenças entre as naturezas mortas dos séculos passados para atualmente, e por isso me agrada a ideia de introduzir elementos da cultura de massas, influenciada pela Pop Art. Com isso, uso como modelos objetos de marcas famosas brasileiras, muito utilizadas no dia a dia, para trazer familiaridade às obras. Afinal, os pintores sempre pintaram os objetos presentes em seus cotidianos, então isso não seria diferente para a nova geração de artistas.

Figura 4 - detalhe de uma cena de oferendas da câmara funerária de Menna (c. 1422-1411 aC)



Fonte:
Wikimedia Commons

Figura 5 - Pieter Claesz, "Vanitas – Still Life," 1625. (Rinascimento)



Fonte:
ArteRef.com

Figura 6 - Tom Wesselmann, Still Life #34, 1963.



Fonte:
acquavellagalleries.com

1.6 Inspirações

Vincent Van Gogh

Desde antes de ingressar na faculdade eu já sabia que queria pintar como Van Gogh. Sua obra sempre me fascinou e ao iniciar meus estudos acadêmicos em pintura, comecei a compreender os motivos desse encantamento. Inspirado pelos impressionistas, por Millet e pelas gravuras japonesas, Van Gogh desenvolveu uma

técnica singular, expressiva e com um notável domínio da teoria das cores. O pintor valorizava sobremaneira o contraste entre cores complementares, o que se reflete em sua frequente utilização dessas combinações em suas obras. Além do aspecto cromático, que é o que mais me atrai no trabalho desse artista, também busco incorporar em minha própria prática a energia vibrante e vigorosa presente na pincelada de Van Gogh. Sua pincelada visível e espessa confere uma sensação de materialidade à obra, criando uma experiência de textura visual que nos remete a uma sensação tátil.

Figura 7 - Van Gogh, Retrato de Joseph Roulin, 1889



Fonte:

<https://artsandculture.google.com/asset/portrait-of-joseph-roulin-vincent-van-gogh/2QEaf-2G95y9Q>

Figura 8 - Van gogh, The Bedroom, 1889



Fonte:

<https://artsandculture.google.com/asset/the-bedroom-vincent-van-gogh-dutch-1853-1890/rqHdFPzCeCfnxQ?hl=pt&ms=%7B%22x%22%3A0.5%2C%22y%22%3A0.5%2C%22z%22%3A8.910346842864028%2C%22size%22%3A%7B%22width%22%3A1.7108434962975037%2C%22height%22%3A1.2499999999999996%7D%7D>

Ana Elisa Egreja

Fui apresentada à obra de Ana Elisa Egreja pela professora Claudia Lyrio do Curso de Pintura durante o período da pandemia. Esse contexto foi favorável para a minha imersão virtual em seu trabalho. A atmosfera acolhedora e nostálgica, com elementos que remetem à 'casa de vó' me encantou, assim como a constante representação de azulejos antigos como padrão. A partir desse momento comecei a utilizar os padrões de azulejos e alguns itens que me traziam essa sensação nostálgica em minha própria obra.

O primeiro trabalho em que apliquei esses novos interesses foi a pintura **Leite de Rosas**, que se tornou um ponto de inflexão na minha pesquisa. A partir desse ponto, meus objetivos começaram a se tornar cada vez mais claros.

Figura 9 - Ana Elisa Egreja, Copa (natureza morta), 2017



Fonte: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/251/ana-elisa-egreja>

Figura 10 - Ana Elisa Egreja, Saboneteira Rosa, 2020



Fonte:

<https://revistacasaedjardim.globo.com/Casa-e-Jardim/Arte/noticia/2021/05/pintura-oleo-de-ana-elisa-egreja-retrata-arquitetura-abandonada.html>

Figura 11 - Leite de Rosas, autoral, 2021



Fonte:
Acervo pessoal

Rodrigo Yudi Honda

Outro artista fundamental na jornada de descoberta do meu tema de interesse foi o paulista Rodrigo Yudi Honda. Sua abordagem naturalista e melancólica ao retratar cenas cotidianas brasileiras despertou minha admiração. Conheci seu trabalho por meio da *internet* e fiquei encantada com o tema que ele explorava. Ao dar protagonismo a cenas comuns do cotidiano, o artista resgata a beleza e a importância desses momentos que muitas vezes passam despercebidos. Sua obra inspirou-me a valorizar e retratar também esses aspectos do dia a dia em minha própria arte. Assim como Rodrigo, sempre me interessei pelas coisas comuns e sinto a necessidade de retratá-las.

Figura 12 - Pão na mesa, Rodrigo Yudi Honda, 2017



Fonte:

<https://www.rodrigoyudihonda.com/detalhe/2017/10/05/pão-na-mesa>

Figura 13 - Bar da Esquina, Rodrigo Yudi Honda, 2022



Fonte:

<https://www.rodrigoyudihonda.com/detalhe/bar-da-esquina>

2. O meio

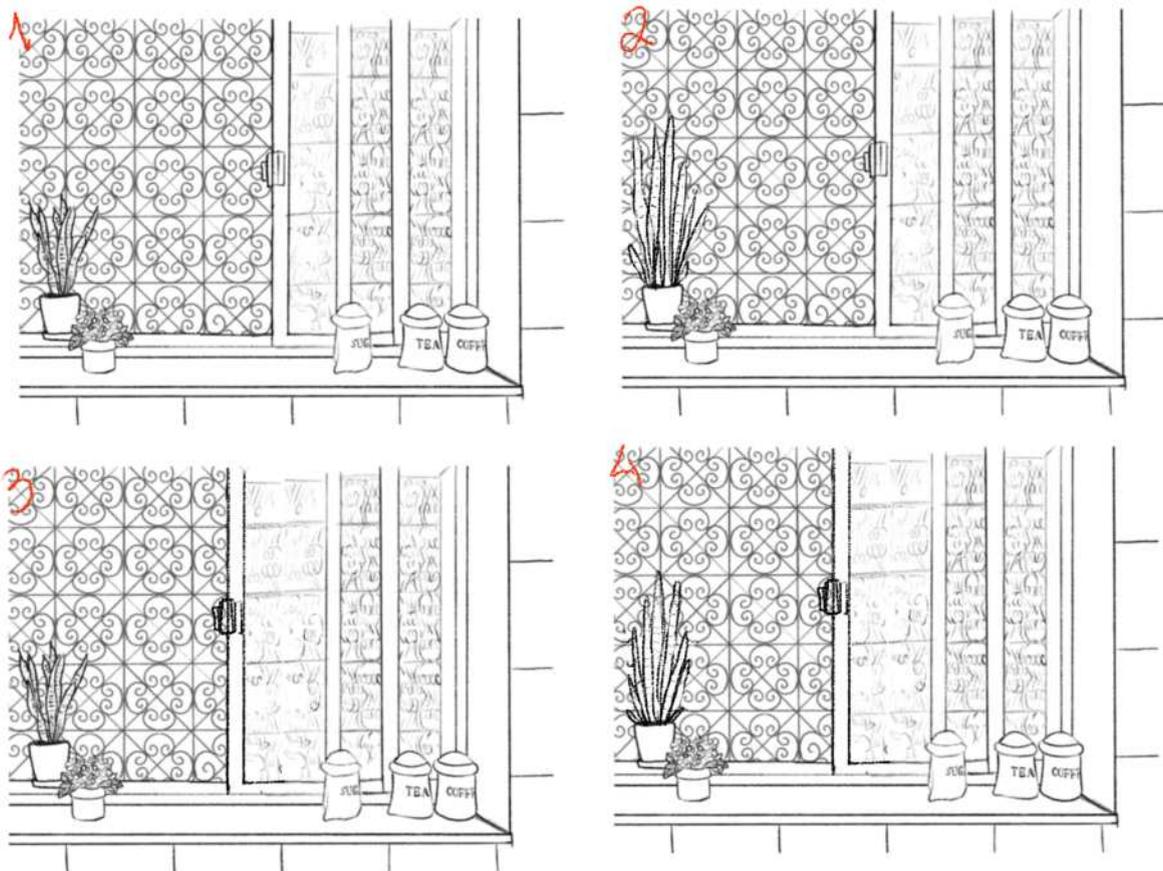
2.1 As composições

Com o objetivo de pintar naturezas mortas e com cenas suburbanas em mente, foi necessário definir as composições. Para isso utilizei referências do meu imaginário pessoal, imagens coletadas da internet e fotografias de outros artistas, com suas devidas autorizações, e criei composições originais ao mesclá-las digitalmente.

Esse processo ocorreu de forma orgânica, com memórias pessoais de infância, pesquisas em bancos de imagens virtuais e fotografias autorais ou de outros artistas, muitas das quais chegaram até mim através de leituras sobre o subúrbio carioca, como os textos de Luiz Antonio Simas.

Utilizei o *software* de desenho digital *Procreate* em um tablet modelo *iPad8* sistema *iPadOS* 16.5.1 para desenvolver estudos lineares. Optei pelo uso do digital nesta etapa devido à economia de tempo e pela possibilidade de realizar rápidas alterações, utilizando ferramentas disponibilizadas pelo programa como o laço de recorte, que me permitiu mover objetos de lugar sem necessidade de redesenhar a composição inteira.

Figura 14 - Estudos de composição autorais



Fonte:
Acervo pessoal

A escolha do ponto de vista e enquadramento foi cuidadosamente planejada em cada obra com o objetivo de imergir o espectador na cena, de maneira a facilitar o reconhecimento e a evocação de lembranças.

2.2. Estudos cromáticos

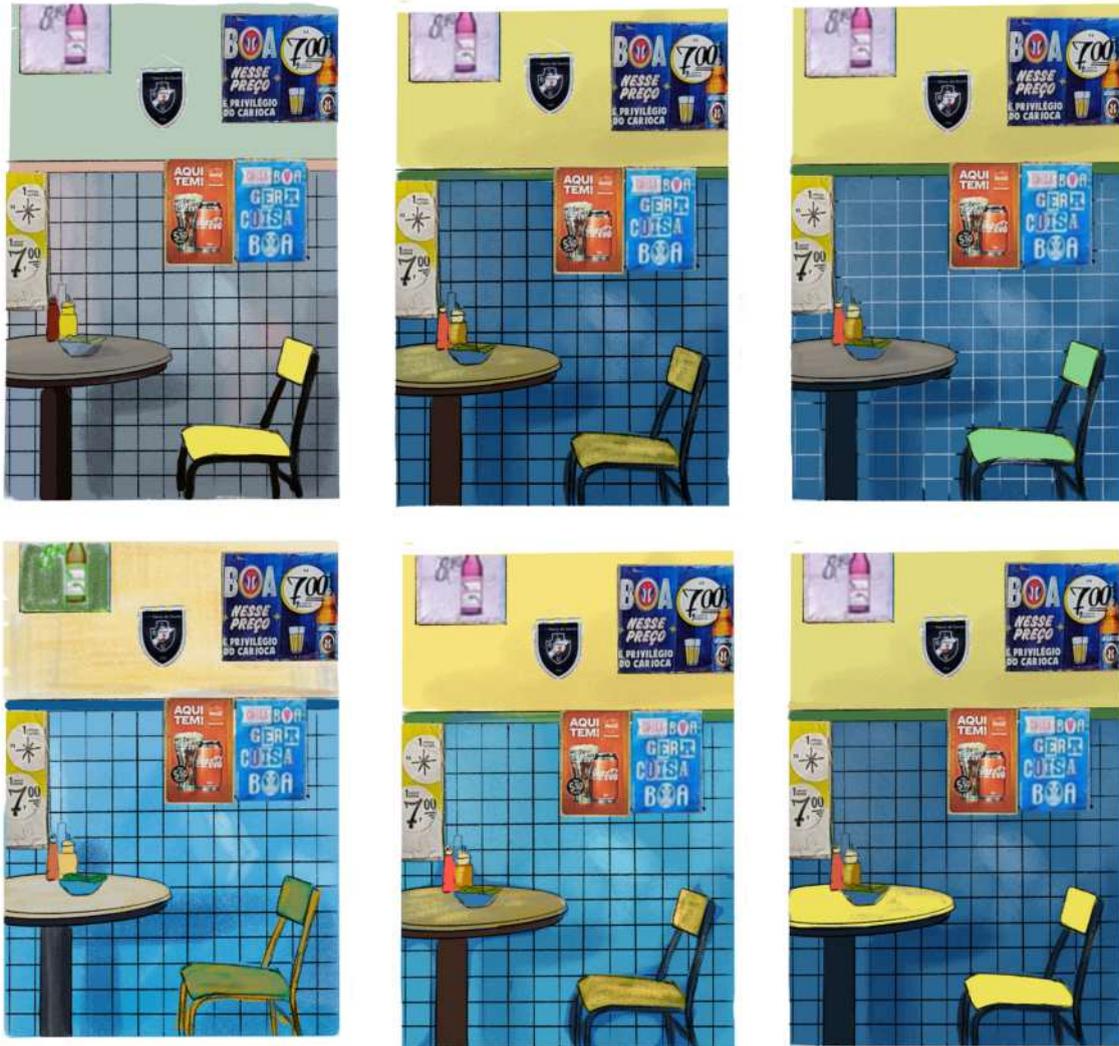
Nesta etapa também aproveitei o meio digital para otimizar o tempo e economizar materiais, o que me permitiu realizar vários estudos cromáticos para cada composição. Inspirada pela paleta de Van Gogh, explorei diferentes combinações e variações de cores em meus estudos. Assim como o mestre pós-impressionista, busquei expressar intensidade e luminosidade em minhas obras. Ao estudar suas pinturas percebi a importância do contraste entre cores complementares, a saturação e os valores tonais para criar uma harmonia vibrante. Esses elementos foram levados em consideração ao realizar meus estudos, nos quais busquei capturar a beleza e a energia das cores. Essa abordagem me permitiu compreender melhor as possibilidades expressivas da cor e aplicá-las de maneira consciente em minhas composições. O resultado foi uma maior riqueza visual e uma transmissão mais impactante de sensações e emoções em minha arte.

Figura 15 - Estudos cromáticos autorais 1



Fonte:
Acervo pessoal

Figura 16 - Estudos cromáticos autorais 2



Fonte:
Acervo pessoal

2.3 Escolha dos materiais

A técnica pictórica que utilizo é a tinta a óleo devido à sua secagem lenta, o que me permite trabalhar por períodos prolongados em uma mesma obra. Além disso, as tintas a óleo oferecem uma ampla variedade de cores vibrantes e intensas. Sua consistência densa permite a aplicação de camadas empastadas, resultando em cores ricas e escuros profundos dados pela refração do óleo. Essa escolha de materiais está em consonância com a minha abordagem figurativa, uma vez que a tinta me permite alcançar o efeito desejado com pinceladas marcadas. Nesse sentido, me inspiro na técnica de Vincent van Gogh, especialmente em relação à sua paleta de cores e à fatura.

Em relação ao suporte escolhi trabalhar sobre madeira. Utilizei compensado naval de 10mm em formato “poster”, ou seja, acrescentei quatro ripas de cinco centímetros da mesma madeira nas laterais do suporte para dar sustentação e evitar que empenasse. A escolha de pintar sobre madeira foi motivada por uma série de razões estéticas e conceituais. A textura orgânica e única encontrada na madeira oferece uma superfície rica em detalhes e variações, que conversa com a minha fatura solta. Acredito que essa textura, combinada com a natureza porosa e palpável da madeira, acrescenta uma dimensão tátil e sensorial às minhas pinturas.

Além disso, a escolha da madeira como suporte para minhas obras está intrinsecamente ligada ao tema do meu TCC, "Memórias do Subúrbio Carioca". Ao utilizar a madeira, um material frequentemente presente em construções e mobiliário tradicionalmente encontrados no subúrbio, busco estabelecer uma conexão simbólica com a própria essência e história desse contexto urbano. A madeira me traz uma sensação de familiaridade e nostalgia, evocando memórias e ressonâncias emocionais ligadas ao ambiente suburbano.

Em suma, a escolha de pintar sobre madeira é uma manifestação da minha apreciação pela textura orgânica e pela capacidade desse material em evocar uma sensação tangível de memória e identidade. Essa escolha estética está alinhada ao meu objetivo de transmitir as memórias do subúrbio carioca de maneira autêntica e sensível, agregando uma dimensão visual e tátil às minhas pinturas.

Figura 17 - Materiais da artista



Fonte:
Acervo pessoal

2.4 Processo pictórico

2.4.1 Preparação do suporte

Após a seleção do compensado naval como suporte, dei início ao processo de preparação do mesmo. Primeiramente, apliquei o produto Jimo Cupim para prevenir infestações, aguardando sua completa secagem. Em seguida, prossegui com a montagem dos suportes, utilizando uma lixadeira para nivelar e uniformizar a superfície da madeira. Posteriormente, fixei as ripas laterais no compensado por meio de pregos. Iniciei fixando as ripas maiores, cada uma com 1 metro de comprimento, diretamente no compensado principal. Em seguida, preendi as ripas menores, fixando-as nas laterais das ripas de 1 metro.

Após a montagem dos suportes, procedi à aplicação de massa acrílica nas junções entre o compensado principal e as ripas, assim como em eventuais imperfeições na madeira. Aguardei a secagem completa da massa e, em seguida, realizei o lixamento adequado. Posteriormente, preparei uma mistura composta por tinta de acrílica de uso industrial para interiores e exteriores branca, da marca Suvinil, cola PVA da marca Cascorez e água, aplicando-a em camadas finas em todo o suporte. Repeti esse processo por duas vezes, garantindo a aplicação de duas camadas dessa mistura em cada superfície de madeira.

A única exceção a esse processo foi a pintura “Café da manhã”, que foi realizada em 2022, no início da minha pesquisa, e por isso ainda não tinha definido o suporte em madeira. Nessa obra utilizei um tecido de algodão cru, o estiquei em uma madeira e fiz a encolagem com uma camada de gelatina animal. Realizei também uma imprimação clássica feita com água, cola PVA da marca Cascorez, óxido de zinco e gesso crê (carbonato de cálcio). Após a pintura concluída, fixe-a ao chassi.

2.4.2 A pintura

Nessa etapa iniciei passando o desenho do digital para o suporte com um projetor portátil e carvão. Utilizei o fixador acrílico para desenhos a carvão para não perder a marcação na hora da pintura. Na maioria das pinturas utilizei o fundo branco e em algumas poucas obras preferi realizar uma imprimatura laranja clara,

bem diluída. Em seguida, parti para a pintura em si, utilizando os seguintes pigmentos:

Figura 18 - Paleta da artista

Branco Titânio PW6 (Joules & Joules, Acrilex)

Amarelo Cádmio PY35 (Joules & Joules)

Amarelo Ocre PY42 (Joules & Joules)

Amarelo de cádmio Limão PY35 (Joules & Joules)

Vermelho cádmio PR108 (Joules & Joules)

Terra de Siena Queimada PR101 (Corfix)

Magenta Quinacridona PR122 (Joules & Joules)

Azul Ftalocianina PB15.3 (Joules & Joules)

Azul Ultramar PB29 (Joules & Joules)

Adicionais (raramente usados):

Laranja de Cádmio P020 (Acrilex)

Verde Esmeralda PG7 (Corfix)

Pintura 1 - Bar com Caixotes





Figura 19 - Processo 01 (Bar com Caixotes)
Figura 20 - Processo 02 (Bar com Caixotes)
Figura 21 - Processo 03 (Bar com Caixotes)

Após transferir o desenho para o suporte, comecei lançando as principais massas de tinta para depois partir para o detalhe. Encontrei dificuldade em representar o fundo do bar, visto que é um ambiente escuro e com muita informação, mas eventualmente consegui sintetizar a grande quantidade de detalhes utilizando massas de claro escuro e linhas para dar a impressão de detalhes.

Essa obra teve como referência a fotografia do artista Preá, com sua devida autorização.

Figura 22 - Bar com Caixotes, 2023, óleo sobre madeira, 58x100



Fonte:
Acervo pessoal

Pintura 2 - Filtro de Barro

Nessa obra utilizei tinta acrílica laranja diluída em água para fazer uma imprimatura. Esperei secar e introduzi as primeiras massas de cor com a tinta a óleo. Fiz o uso de pequenas variações cromáticas de azulejo para azulejo, procurando um maior dinamismo na obra.



Figura 23 - Processo 1 (Filtro de Barro)

Figura 24 - Processo 2 (Filtro de Barro)

Figura 25 - Detalhe 1 (Filtro de Barro)

Figura 26 - Detalhe 2 (Filtro de Barro)

Figura 27 - Filtro de Barro, 2023, óleo sobre madeira, 100x75



Fonte:
Acervo pessoal

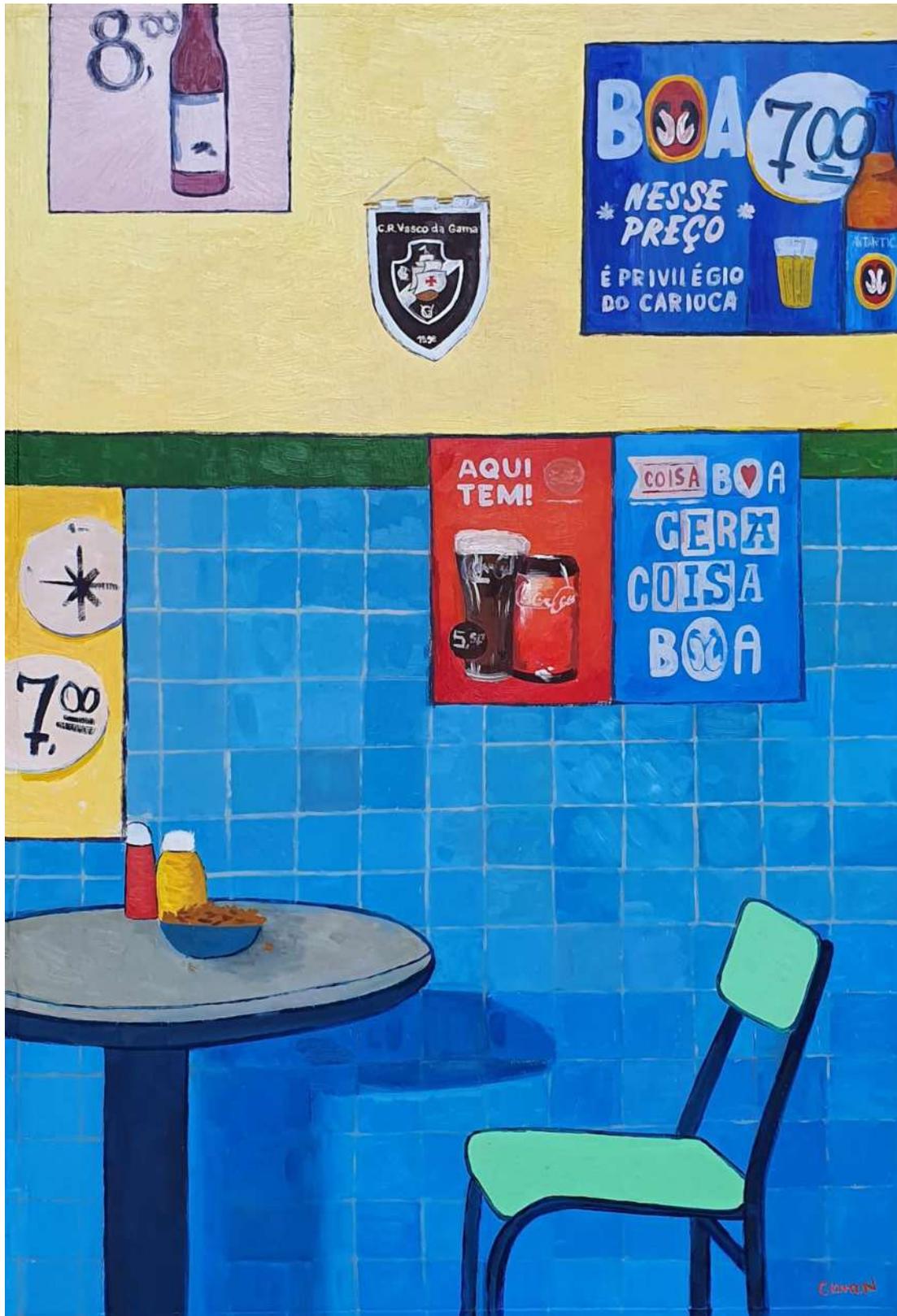
Pintura 3 - Bar com pôster

Assim como nas outras obras, também comecei trabalhando as primeiras massas de cor para depois entrar nos detalhes. Nessa pintura fiz o uso do pigmento PG7 da Corfix, que não costuma estar presente na minha paleta, mas foi essencial para alcançar o tom de verde desejado na representação da cadeira.



Figura 28 - Processo (Bar com Pôster)
Figura 29 - Detalhe (Bar com Pôster)

Figura 30 - Bar com Pôster, 2023, óleo sobre madeira, 66x100



Fonte:
Acervo pessoal

Pintura 4 - Café da Manhã

Essa obra foi obtida de um processo diferente, uma vez que a mesma teve início em 2022, sendo a primeira pintura dessa pesquisa. Quando iniciei essa obra ainda não tinha definido o suporte em madeira, então utilizei um suporte que tinha acabado de preparar durante uma disciplina na faculdade. Como explicado anteriormente, no capítulo “2.4.1”, utilizei o algodão cru e o preparei com a imprimação clássica.

Figura 31 - Café da Manhã, 2022/2023, óleo sobre tela, 90x90



Fonte:
Acervo pessoal

Essa pintura me proporcionou diversos desafios, sendo os mais predominantes relacionados ao desenho. Primeiro com a representação do pote de margarina da marca Qualy, e, em segundo lugar, o padrão de azulejos. A primeira questão foi facilmente resolvida com a ajuda da minha orientadora, a Profa. Dra. Martha Werneck. Já o segundo problema passou por diversas tentativas de resolução como, por exemplo, o uso de compasso e de estêncil. Apesar de ter obtido um resultado satisfatório ao olhar, não fiquei completamente realizada, pois buscava um efeito mais padronizado e obtive diferenças em cada azulejo. Além disso, existiu o problema financeiro relacionado ao grande uso da tinta a óleo branco de titânio (pigmento PW6), tanto nas misturas como nas diversas correções feitas na área dos azulejos. Esse problema também foi solucionado com a ajuda da professora Martha Werneck, que me auxiliou no aumento de carga da tinta, utilizando a própria tinta branco de titânio PW6 da marca acrylic, carbonato de cálcio e óleo de linhaça. Outra questão que me preocupava era a composição que anteriormente era dotada de mais espaço de azulejos, mas isso foi resolvido ao colocá-la no chassi de 90x90, 'cortando' a composição.

A pintura, que teve início em 2022, foi finalizada apenas em maio de 2023, devido a grande quantidade de desafios e também ao período de recesso na Universidade, tendo em vista que a obra estava no ateliê Cândido Portinari, pertencente à Escola de Belas Artes da UFRJ. Esse processo evidenciou uma falha na prática de desenho por minha parte e, por ter sido a primeira da série, serviu como base para 'o que não fazer' nas outras pinturas. Apesar disso, gostei do resultado final da obra.

Figura 32 - Processo Café da Manhã



Fonte:
Acervo pessoal

Pintura 5 - Café da Tarde

Iniciei o processo da pintura priorizando os tons quentes e, em seguida, os tons frios, seguindo a regra do todo para as partes.

Figura 33 - Café da Tarde, 2023, óleo sobre madeira, 75x100



Fonte:
Acervo pessoal

Pintura 6 - Baleiro

Aqui utilizei o mesmo processo das pinturas acima. Para criar os azulejos, utilizei fita crepe para delinear as formas, mas percebi que o resultado apresentava marcas muito acentuadas e precisas demais. Para suavizar esse aspecto, pintei linhas em tom neutro representando o rejunte, aplicando-o de maneira mais livre e despreocupada, usando um pincel antigo e desgastado. Dessa forma, alcancei um resultado mais suave e natural. Busquei também trazer uma variedade cromática aos azulejos.

Figura 34 - Baleiro, 2023, óleo sobre madeira, 85x100



Fonte:
Acervo pessoal

Pintura 7 - Janela

Essa foi a pintura que me proporcionou mais desafios. Antes de pintar a grade, decidi acrescentar todo o azul do fundo. Entretanto, apenas depois de fazer a grade, notei que esse azul estava chapado, sem variações tonais ou cromáticas, resultando em uma obra desinteressante. Além disso, a grade também estava monocromática. Então comecei a introduzir os tons amarelados no azul e os tons azuis no amarelo da grade, gerando mais dinamismo na obra e uma passagem primária-secundária através dos verdes.

Figura 35 - Janela, 2023, óleo sobre madeira, 100x85



Fonte:
Acervo pessoal

3. Exposição individual

A exposição ocorreu de 14 de Julho a 18 de agosto de 2023 na Casa de Cultura de Jacarepaguá. Contou com a curadoria de Joacir Lyra, professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ e artista plástico, com o texto de Caroline Deville, graduada no Curso de Pintura da UFRJ e amiga pessoal.

Figura 36 - Cartaz da Exposição



Fonte:
Acervo pessoal

A montagem foi realizada no dia 13 de julho de 2023 e contou com um total de 12 pinturas, sendo 7 pertencentes a série “Memórias do subúrbio carioca”, feitas durante a pesquisa desse Trabalho de Conclusão de Curso.

Figura 37 - Vernissage



Fonte:
Acervo pessoal

UM RIO DE AFETOS

"Em algum canto da cidade, dinheiro não é tudo. Não há solidão, somos habitantes do subúrbio."

Eduardo Soares de Almeida, 2020

Inspirada por suas memórias infantis adquiridas na casa de sua avó na Praça Seca, Clara Nascimento ilustra detalhes do subúrbio carioca e da própria infância, dando voz à nostalgia enquanto ilumina os pequenos prazeres de um lugar tão grande em área, porém tão esquecido em função da busca ambiciosa por uma elevação financeira e uma padronização estética ditada por uma elite que busca o mais moderno, o mais "clean" o menos individual e o menos orgânico.

Trabalhando a plasticidade matérica do óleo sobre superfícies como madeira, tecido e cerâmica, Clara abraça suas imperfeições e texturas, dialogando com a autenticidade histórica e fazendo uso de uma fatura aparente para dar movimento e expressividade as pinturas, tal qual os impressionistas em que se inspira.

Através do cromatismo de Vincent Van Gogh (1853-1890) e Mary Cassatt (1844-1926), em conjunto com abordagens compositivas influenciadas pelo trabalho de Ana Elisa Egreja (1983-Atualmente), a artista ilustra momentos da própria memória e locais, felizmente preservados, onde esteve.

"Um rio de afetos", força o observador a voltar os olhos para a cultura particular das vizinhanças cariocas. Cultura apoiada nas pessoas, nos vínculos e nos pequenos comércios. O subúrbio da rotina simples, dos pequenos prazeres livres de gastos exorbitantes, como uma pausa em meio a obrigação agitada e impessoalidade da cidade grande.

Caroline Deville

Figura 38 - Registro da vernissage com amigos da Escola de Belas Artes



Fonte:
Acervo pessoal

3.1 Depoimentos

Após a inauguração, solicitei a alguns visitantes da exposição que fizessem um breve depoimento sobre sua experiência ao observar as pinturas, visando conferir se o objetivo da pesquisa havia sido alcançado. A coleta de depoimentos foi feita através de um formulário google, e com autorização prévia para serem utilizados nessa pesquisa. Inseri também a idade dos participantes, para ter um parâmetro de como as obras podem afetar as diferentes gerações.

“Brasilidade. Me identifiquei bastante com o cenário típico carioca, um sentimento de pertencimento a um lugar.”

Christopher Molamphy, 29

“Maravilhosa, os quadros todos lindos, trouxeram uma sensação de nostalgia, familiaridade e conforto.”

Thiago Weber, 22

“[...] Observei que as obras foram elaboradas com muita perfeição e riqueza de detalhes que culminaram com momentos de muita emoção. Remeti alguns sentimentos como saudade e alegria da minha infância ao ver objetos simples do cotidiano como chaleira, filtro de barro, a janela da casa de minha mãe toda trabalhada e riquíssima em detalhes.”

Solange Nascimento, 60

“A exposição estava lindíssima, ela evocou sentimentos de nostalgia e reconhecimento em relação a cenas que não vivi necessariamente, mas que fazem parte da cultura brasileira como um todo. Os quadros além de serem muito bem feitos, são aconchegantes, despertam diversas emoções que conversam muito com a minha bagagem cultural e experiências de vidas. Com elementos e ícones que representam bem aquilo que é ser brasileiro, a artista mostra uma sensibilidade impressionante!”

Laura Marques, 20

“As obras estavam lindas. Muito bem produzidas. Ficou claro o desenvolvimento técnico e poético da artista, nessa exposição que trouxe ao público obras do começo de sua pesquisa e as mais recentes. Suas obras trazem o sentimento de nostalgia, alegria com toque de saudade. Fica a sensação que você já esteve naquele lugar retratado pela Clara. As cores, muito bem exploradas, trazem alegria e lembranças de infância. Dialogam com os sentimentos bons que ainda vivem nas lembranças da artista.”

Gabriel Rodrigues, 25

“Fiquei muito emocionada por ter resgatado através da arte expressiva e sensível da artista, memórias tão afetivas do meu passado, como saudade e aconchego. Amei a exposição! A riqueza de detalhes, cores e sentimentos, me impactaram profundamente!”

Simone Nascimento, 56

As obras colocadas lado a lado me transportaram para minha história suburbana. Era como se eu revivesse momentos cotidianos, tais como o chá de boldo, que minha mãe fazia na chaleira ou o filtro de barro em que eu bebia água na minha avó, o cafezinho com pão na chapa que inaugurava o dia entre caixas de cervejas, o baleiro do bar do Sr. Mário, minha infância nas raras visitas à praia de um suburbano, na janela da casa da namorada e na ternura de ver tanta sensibilidade na arte que Deus me usou pra fazer: minha filha.

Marcelo Rocha, 57

Ao observar os quadros fui tomada por uma nostalgia abaladora e reconhecimento saudosista, tendo em vista que cresci e moro no subúrbio. Muitos dos objetos presentes nas pinturas ainda existem em minha casa e na de familiares, além de todas as cenas e locais representados existirem em minha memória.

A escolha do ponto de vista que coloca o observador na cena, assim como alguns enquadramentos, facilitou o surgimento de afetividades e a ativação da memória, tornando a experiência emocionante e prazerosa.

Caroline Deville, 24

Considerações finais

Essa pesquisa em pintura teve o objetivo de abordar as memórias afetivas dos suburbanos cariocas, entretanto, alcançou resultados ainda mais gratificantes, uma vez que também tocou no afetivo de brasileiros de diversas gerações, classes sociais, naturalidades e de diferentes vivências, gerando os sentimentos de aconchego, nostalgia e encantamento.

Na pintura, muitas vezes o resultado final é uma surpresa para o próprio artista, como se a obra escolhesse seu próprio rumo, e, de igual modo, o mesmo ocorreu com essa pesquisa. Algo que começou de forma individual, uma forma de resgatar minhas memórias pessoais, se transformou em um resgate histórico e cultural de uma parte do Rio de Janeiro e também colaborou com o senso de pertencimento dos suburbanos.

Da mesma forma, apesar de não ter sido o objetivo inicial da pesquisa, a ausência de pessoas e movimentação nas minhas obras traz uma reflexão sobre a mudança de cenário nos subúrbios cariocas devido à violência e a pandemia da covid 19, que fez com que as ruas do subúrbio ficassem mais vazias comparado à como era 10 anos atrás. Esse questionamento evidencia que tudo na arte é político, mesmo que em um primeiro olhar pareça ser apenas sobre bons sentimentos.

Bibliografia

WERNECK, M.; BOSSOLAN, L. **Um campo para a criação: o desenvolvimento poético através do diário de pesquisa do pintor em formação.** Revista Apotheke, Florianópolis, v. 6, n. 2, 2020. DOI: 10.5965/24471267622020014. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/18406>. Acesso em: 25 jul. 2023.

ABREU, M. de A. 1987. **A Periferia de Ontem: O Processo de Construção do Espaço Suburbano do Rio de Janeiro (1870-1930).** Em: Espaços e Debates 21, 12-35.

MATTOSO, R. Um novo olhar sobre os entornos da cidade: A depreciação da categoria subúrbio, um conceito historicamente construído (1870-1930). **Neue Romania**, 39, 23-34, 2009.

MATTOSO, R. **A Cultura Urbana nos Subúrbios Cariocas: Uma análise das relações de sociabilidade suburbanas ao longo do século XX.** In: **HISTÓRIA&PARCERIAS**, nºXVIII, 2018, Niterói. Anais do Encontro Internacional e XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio: História e Parcerias.

BENCHIMOL, Jaime L. **Pereira Passos, um Haussmann tropical: a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX.** Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992

ABREU, Maurício de Almeida. **Evolução urbana no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: IPLANRIO/Zahar, 1987

PESAVENTO, SANDRA. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História.** v, 27, n.53, jun. 2007, p.11-23.

HUYSSSEN, ANDREAS. **Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, práticas da memória.** Contraponto, 2014.

BOYM, S. **The Future of Nostalgia.** Nova Iorque: Basic Books, 2002.

NEVES, VAGNER. Natureza Morta: A Arte que Perdurou Milênios. **ArteRef**, 03 de outubro de 2022. Disponível em:

<https://arteref.com/pintura/natureza-morta-a-arte-que-perdurou-milenios/>. Acesso em: 25, jul, 2023.

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

LEITÃO DAMIN, M.; FERNANDA CARDOSO REIS, A. Da nostalgia ao futuro: o passado como memória afetiva da cidade na imaginação de um futuro pós-pandêmico. **Revista TOMO**, n. 38, p. 119-146, 1 jan. 2021.